

Representação do Menino Jesus no Monte e Produção Artística no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes/Ba *

Edjane Cristina Rodrigues da Silva **

Resumo: Tomando como referencial a produção de imagens do *Menino Jesus no Monte*, elaboradas no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação/BA, o presente artigo pretende evidenciar, a partir de uma análise iconográfica de uma dessas imagens, os elementos simbólicos e sagrados que compõem essa representação religiosa e devocional, destacando inclusive, os aspectos sócio-culturais que envolveram essa produção artística do período colonial na Bahia.

Palavras-chave: Devoção, Menino Jesus, Produção Feminina, Simbologia Cristã

Abstract: The sculptures representing Jesus Child on the Mountain, made at the Our Lady of Humildes Convent, in the city of Santo Amaro da Purificação, state of Bahia, Brazil, are referencial for this paper, which intends to evidence, from a iconografic analysis, the simbolic and sacred elements of religious and devotional representation, including the social and cultural aspects involved in this works of rt production, during Bahia's colonial time

Key-words: Devotion, Jesus Child, Female Production, Cristian Simbology

A figura de Jesus tem sido representada ao longo dos séculos como um dos símbolos mais importantes da doutrina Cristã, sendo utilizado como elemento de transmissão da mensagem de fé e religiosidade, ajudando a congregar e recordar os ensinamentos e episódios sagrados.

As representações iconográficas de Jesus ainda criança surgem a partir das primeiras cenas da Natividade, sendo do século IV (325 d.C.) a mais antiga e ainda conservada representação do nascimento do Senhor, localizada em um sarcófago do Museu das Termas, em Roma(fig 1). É nesse período que a solenidade do Natal começa a ser celebrada em substituição a festa romana do deus-sol.(PASTRO, 1993,p.225)

*Trabalho apresentado como requisito para obtenção de aprovação na disciplina Artes Visuais na Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA/UFBA, ministrada pelo Prof. Dr. Luis Alberto Freire.

**Graduada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do Setor de Exposição do Museu de Arte Sacra da UFBA.

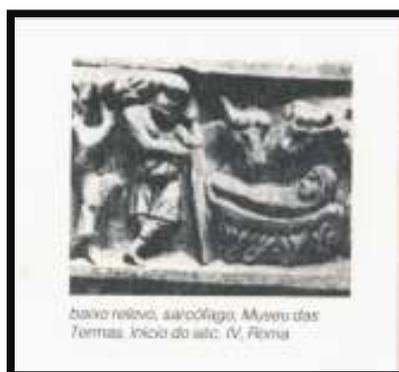


Fig 1. Natividade

Fonte: PASTRO, C. Arte Sacra – O Espaço Sagrado Hoje, Loyola , SP , 1993

O processo de construção iconográfica de Jesus acontece a partir dos Concílios de Nicéia, que afirmou a consubstancialidade de Cristo, assim como o de Éfeso, que declarou ser Maria, Mãe de Deus, Virgem de Theotokos.¹

Do início da arte cristã até os nossos dias, percebe-se que Cristo é apresentado em momentos diversos de sua vida. Georges Gharib (2005, p.77) divide as representações de Jesus ainda em sua infância em três categorias: as de Maria com o Menino; as das cenas históricas expressas em festas litúrgicas e aquelas em que o Menino é figurado sozinho, sendo a última pouco encontrada até o final da Idade Média, quando aparece carregando um globo do mundo na mão.

No ano de 1223, São Francisco de Assis organiza o primeiro presépio, celebrando o Natal. A comemoração teve repercussão em toda a cristandade, passando esse gesto santo a ser inicialmente imitado pelos conventos e igrejas, não tardando a ser também realizado pelo povo. A partir de então, o mundo cristão passa a venerar a figura do Deus Menino no presépio.(BRAGA, 2000)

No século XVI a devoção ao Menino Jesus se desenvolve com maior força no interior das Ordens Religiosas, sobretudo nos conventos femininos. Os espanhóis Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz, da Ordem dos Carmelitas Descalços, tinham profunda afeição ao Jesus Infante e colaboraram em expandir a devoção por toda a Europa. Sabe-se que neste mesmo

¹O Concílio de Nicéia (325) foi a primeira conferência de bispos da Igreja Católica e resolveu questões levantadas pela opinião Ariana da natureza de Jesus, declarando ser Cristo da mesma essência que o Pai e não criatura Dele. O Concílio de Éfeso (431) teve como resultado a condenação da heresia cristológica e mariológica de Nestório e proclamou a Maternidade Divina de Maria. *Theotokos* é uma palavra grega e significa “Mãe de Deus.” Fonte: Wikipédia

século, em Portugal, já havia imagens do Menino Jesus destinadas ao culto e que posteriormente a devoção foi estendida às suas colônias.(TÀVORA, 1979, p. 25)

A larga produção indo-portuguesa de Meninos Jesus em marfim, dos séculos XVII e XVIII, demonstram a expansão do catolicismo português. Aparecem geralmente como o Bom Pastor, com poucas variações: O menino apresenta-se semi-adormecido, com uma ovelha ao colo, vestido com um pelego², de pernas cruzadas no alto de uma peanha. Sua difusão no Brasil foi ampla a partir do século XVII até o XIX (fig.2) Na Bahia, o ceramista português Frei Agostinho da Piedade, produziu belíssimos exemplares dessa representação em barro cozido.(fig 3) Alguns autores apontam a semelhança entre a figura do Menino e do Buda, marcando assim a adaptação desse tipo iconográfico à cultura oriental.³



Fig 2

O Bom Pastor/ Séc. XVII
Coleção: Museu de Arte Sacra
Fotografia: Rômulo Fialdini



Fig 3

Menino Jesus-Réplica/Séc. XX
Coleção: Museu de Arte Sacra
Fotografia: Setor de Documentação/MAS

² Espécie de roupa feita com pele de carneiro

³ Ver MUHANA, Adma *Brasil: Índia Ocidental* In:Revista USP, SP, nº 57 p38-49, 2003 e *Catálogo do Museu de Arte Sacra*, Banco Safra, 1987, p.122

Assim como em Portugal, aqui no Brasil o culto ao Deus Menino sempre esteve mais relacionado à figura feminina, talvez pela ligação entre a criança e os cuidados maternos. A imagem de Jesus criança era presença obrigatória nos oratórios familiares, chegando até ser tratado como membro da família. Mott (1997, p.183) destaca a intimidade com que os santos eram tratados pelos cristãos leigos no Brasil colonial, especialmente pelas beatas. Em seu texto *Donzelas Recolhidas*, faz referência a uma africana, ex-prostituta que tinha fama de santa pelos devotos de Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo considerada “Esposa da Santíssima Trindade, Mãe de Misericórdia, Rainha dos vivos e Juíza dos mortos”. Rezava ofícios de Nossa Senhora e São José, tríduos e novenas dedicados a diversos santos, inclusive ao Menino Jesus. Mott comenta:

“Na alma barroca dessa africana fortemente marcada pelo imaginário religioso europeu, havia lugar para sincréticas intimidades com o sobrenatural – por exemplo, ao divulgar que o Menino Jesus vinha diariamente pentear-lhe sua dura carapinha e que, em agradecimento por esse mimo, Rosa Egípcia, tal qual as amas-de-leite que abundavam no Brasil escravista, ela própria dava de mamar ao Divino Infante em seu negro peito. Contraditoriamente, enquanto Santa Teresa d’Ávila em seus colóquios espirituais tratava o Divino Esposo por “Vossa Majestade”, nossos antepassados manifestavam muito maior intimidade com a corte celeste de que autoridades constituídas.”(MOTT,1997, p.183)

O curioso fato acima mencionado nos faz penetrar em um campo extremamente complexo, o campo do catolicismo popular, aonde a devoção aos santos passa a ter um caráter individual e privado, fugindo ao controle da Igreja. É o catolicismo herdado em sua maior parte da metrópole portuguesa, com suas procissões, romarias, devoções exageradas e crenças em milagres. E é esse catolicismo que, chegando no Brasil, sofreu um processo de adaptação recebendo influência indígena e africana. (AZZI, 1976, p. 86)

A flexível religiosidade cristã brasileira já é destaque em *Casa Grande e Senzala* quando o autor, naquele momento, declarou serem os ritos católicos do Brasil colonial, uma “liturgia antes social que religiosa” (FREYRE,1933, p.22), revelando que:

“... os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres: as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus...”(FREYRE, 1933, p.22)

Tratados com “piedosa adulação” pelos devotos, os santos prediletos recebiam cuidados especiais, ganhando jóias e roupas ornadas com ricos bordados a fios de ouro. O Divino Infante tinha direito até a enxoval, sendo tratado como “verdadeiros filhinhos pelas Esposas do Verbo Encarnado”. (MOTT, 1997, p. 183)

Segundo Carvalho:

“Dentro do calendário litúrgico, a devoção ao Deus Menino alcança seu ponto alto no Natal. Ocasão em que, dentre outras festividades, se fazia a troca anual do rico enxoval, tanto nos conventos, quanto nas residências das famílias baianas. No dia de Natal, a pequena imagem era deitada desnuda, sobre a palha da manjedoura e, no 1º dia do ano, dia da circuncisão, vestia-se a imagem que, então, era colocada de pé sobre o monte.(CARVALHO, 2001, p.184)

Caracterizado por ser uma produção tipicamente feminina, a representação do Menino Jesus no Monte esteve muito ligada aos conventos e recolhimentos baianos, especialmente nos séculos XVIII e XIX, momento em que as únicas opções de vida para a mulher eram o casamento com um homem ou com Deus. A mulher branca de classe senhorial não deveria realizar nenhum tipo de trabalho produtivo, considerado degradante, devendo dedicar-se exclusivamente aos bordados e rendas, tidos como atividades de lazer e arte. (ANDRADE, 1992, p. 228) O ideal de mulher pura e recatada, dedicada à vida do lar, no período colonial, foi fator fundamental para o surgimento de instituições religiosas femininas, destinadas tanto a vida contemplativa cristã como também a educação de meninas até a idade do casamento. “A educação das meninas era encarada como uma preparação para as tarefas próprias da condição feminina”(PRIORE,1993 p.65).

Em 1813, foi concedida por D. João VI, licença para a fundação de um “estabelecimento de educação do sexo feminino”, solicitada pelo Pe. Inácio Teixeira, em Santo Amaro da Purificação/Ba. O Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes destinava-se,

principalmente, a educação de meninas órfãs⁴. Zilda Paim, entretanto, relata que também eram aceitas pensionistas, tendo estas a obrigação de pagarem uma “pensão de dois contos de réis”, além de pessoas do sexo feminino que desejassem passar uma vida recolhida. Segundo a historiadora, a manutenção do estabelecimento, que possuía apenas como patrimônio pequenos prédios, dependia do “produto material de suas recolhidas” (PAIM, s/ data, p. 82). Francisco de Carvalho Pinto (1970, p.14) também faz referência a presença, no Recolhimento dos Humildes, de “filhas dos senhores de engenho... e meninas de destacadas famílias da redondeza e de outros estados...”, e descreve alguns dos trabalhos artísticos realizados na Instituição, que logo foram ganhando fama como belíssimos bordados e demais trabalhos de agulha.

A Produção do Menino Jesus no Monte no Recolhimento dos Humildes

O estudo das imagens ou representações da Igreja Católica nos revela questões que vai muito além dos conceitos estéticos e religiosos que envolvem esses objetos. É fundamental entendê-los, sobretudo como manifestações materiais, carregados de uma bagagem simbólica e cultural, que evidenciam o comportamento de uma época. Na execução das obras de arte, o artista está condicionado culturalmente pela sociedade a qual pertence e imprime à sua obra esses condicionamentos sociais.

A cidade de Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano, sempre se destacou como pólo de manifestações culturais, sobressaindo-se inclusive como centro de produção artística e religiosa da colônia. A riqueza advinda de uma nobreza açucareira e a instalação, na região do recôncavo, de irmandades e ordens religiosas, propiciou um desenvolvimento artístico muito particular nessa localidade, o que refletiu principalmente na produção da imaginária cristã. É em Santo Amaro que o resplendor e devoção ao Menino Jesus vai se difundir com maior fervor, sobretudo no século XIX, ocupando lugar muito especial no coração de religiosas e mulheres da comunidade.

Esperava-se encontrar documentos e registros que indicassem ser o Recolhimento dos Humildes, difusor dessa devoção, entretanto, analisando diversos artigos e especialmente o

⁴ Estatuto do Recolhimento de N.S. dos Humildes da cidade de Santo Amaro, 1910

Estatuto da Congregação, verificamos que em momento algum esse culto está presente na referida documentação. Encontramos em um documento constando apenas o emblema da Instituição que, dentre as obrigações da Congregação, deveria haver a “adoração noturna ao Santíssimo Sacramento”. Já no capítulo VII, do Estatuto, que trata do vestuário das reclusas, há uma citação aonde a “insígnia do S. Smo. Sacramento” deveria figurar sobre o peito das mesmas.⁵

Em uma conversa com a Irmã Iolanda Bitencourt, religiosa do Convento dos Humildes, a questão foi esclarecida. Segundo a mesma, “a devoção não surgiu no Convento, mas sim com a população local. Por este motivo era muito solicitado das irmãs, a produção do Menino”. O trabalho manual, que incluía a ornamentação dessa representação cristã era “um meio de manutenção para o Convento”. Ainda segundo a religiosa, não deve existir recibos que comprovem a venda dessas imagens, principalmente porque muito da documentação dos Humildes se perdeu devido a enchentes que atingiram algumas salas dessa Instituição⁶. Devemos lembrar que o Convento está situado às margens do Rio Subaé. Outro detalhe destacado pela Irmã Iolanda é que Padre Miguel, irmão do fundador da Congregação, trazia sempre da Europa, materiais finos para a feitura das imagens. Uma análise mais aprofundada, em um momento posterior, sobretudo nos registros de importações do Arquivo Público, poderá confirmar tal afirmação.

A belíssima produção dos Humildes reflete o luxo e o bom gosto da época. As vestes do Menino eram ricamente decoradas e primorosamente bordadas. Jóias faziam parte da ornamentação, com correntes e abotoaduras em ouro, coroas e outras peças de valor. Geralmente, os Meninos eram representados sobre um monte, e a este eram acrescentados uma infinidade de elementos decorativos, numa mistura de símbolos. Sua decoração, entretanto, dependia também do poder aquisitivo de quem as encomendava.

A variedade de elementos e símbolos a analisar a partir de um estudo iconográfico e iconológico dessas imagens, nos conduziu mais uma vez às formas de expressão da religiosidade popular, que influenciou sobremaneira a produção dessa imaginária. A arte religiosa do período colonial, na Bahia retrata uma mistura de elementos de diversas

⁵ Estatuto do Recolhimento de N.S. dos Humildes da cidade de Santo Amaro, 1910 – Cap. VII Art. 1º

⁶ Entrevista concedida pela Irmã Iolanda Bitencourt, religiosa que faz parte da Congregação do Recolhimento de Nossa Senhora do dos Humildes, no mês de outubro/06.

crenças, transformando-a em uma arte sincrética e híbrida, aonde é possível encontrar signos diversos.

A representação denominada “Menino Jesus no Monte” apresenta sempre a figura do Menino sobre um monte escarpado ou lapinha, que geralmente encontra-se extremamente decorado com objetos em miniatura apresentando elementos da fauna e flora, especialmente carneirinhos, tendo em sua base a representação de uma gruta espelhada que dá idéia de água. Jesus aparece como criança, de pé, braços levemente flexionados à frente. Com uma das mãos faz o gesto de abençoar e com a outra, segura vara crucífera, buquê de flores ou cajado. Este geralmente vem acompanhado de penca de amuletos também chamados de tetéias. Suas vestes, na maioria das vezes são ornadas com delicados fios de ouro e aparece quase sempre com sandálias de metal precioso.

A variedade de objetos encontrados nessas representações nos faz perceber a criatividade dessas “artesãs”, que incluíam em sua decoração desde jóias valiosas até os materiais mais singelos como asas de besouro da região de Santo Amaro, uma das características mais marcantes dos Meninos Jesus confeccionados no Convento dos Humildes. Além disso, porcelanas, conchas, papel dourado, penas, contas em metal e em vidro, arames recobertos de fios dourados, canutilhos, são alguns dos materiais empregados nessa produção.



Observando a profusão de detalhes no monte, percebemos uma certa “compartimentalização” de um presépio tradicional, que tem como tema central, a figura do Menino Jesus. Este, entretanto, não se encontra mais na manjedoura. De pé, se destaca pela postura Daquele que veio para abençoar e salvar o mundo.

Menino Jesus no Monte
Século XVIII
Coleção: Instituto Feminino
Fotografia: Adenor Gondim



Menino Jesus no Monte
Século XIX
Coleção: Particular
Fotografia: Sérgio Benuti



Menino Jesus no Monte
Século XIX
Coleção: Instituto Feminino
Fotografia: Adenor Gondim



Menino Jesus no Monte/Detalhe
Século XVIII
Coleção: Instituto Feminino
Fotografia: Edjane Silva



Menino Jesus no Monte/Detalhe
Século XVIII
Coleção : Instituto Feminino
Fotografia: Adenor Gondim

Materiais construtivos

A série de elementos utilizados na confecção dessas imagens pode ainda ser observada nos exemplares ainda existentes em museus e pertencentes a alguns colecionadores particulares. É possível perceber a riqueza de detalhes dessas representações, trabalhadas delicadamente, peça a peça. A seguir, alguns dos materiais utilizados nessa produção.



Pedrarias simples ou trabalhadas de cores variadas
Fotografia: Edjane Silva



Contas coloridas de vidro, presas em arame coberto de fio dourado.



Contas em metal dourado



Lantejoulas douradas, presas a arame recoberto com fio dourado.



Fios dourados



Pássaros de vidro, presos a arame recoberto com fio dourado.
Fotografia: Edjane Silva



Flores em papel e metal dourados
Fotografia: Edjane Silva



Miçangas de vidro e metal presas a arame recoberto com fio dourado
Fotografia: Edjane Silva



Flores em metal dourado, presas a arame recoberto com fio dourado. As pétalas são feitas com as asas de besouro que apresenta uma tonalidade furta-cor. Para que as asas não quebrassem, era utilizada uma base feita de breu.



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Museu de Arte Sacra
Fotografia: Edjane Silva

Análise descritiva da representação do Menino Jesus no Monte dos Humildes

Ficha Técnica

Objeto: Menino Jesus no Monte ou Senhor Deus Menino na Redoma

Nº de Registro: M 555

Coleção: Museu de Arte Sacra

Autoria: Desconhecida

Época: Século XIX

Matéria/Técnica: Madeira, tecido, jóias, pedras, pedra sabão

Dimensão: Alt. 0,70m

Procedência: Convento dos Humildes, Santo Amaro, comprado a D. Maria Antônia Correia.



Fotografia: Rômulo Fialdini

Descrição do Objeto:

Imagem do Menino Jesus de pé, cabeça para frente; cabelos louros curtos e com cachos; rosto ovalado; olhos de vidro; nariz afilado; boca pequena; sobre a cabeça possui coroa de flores estilizada e resplendor de ouro; braço direito à frente, segurando bandeirola com inscrição J.H.S.(Jesus, Salvador dos Homens), cajado e penca de amuletos; na mão esquerda, segura um buquê de flores estilizadas, com pedras de várias cores; carrega no pescoço um pequeno colar com pérolas e pingente em diamante e penca de amuletos. Veste camisa de cambraia de linho, deixando aparecer babados de renda nos punhos e gola. Sobre a camisa, túnica em tecido bordado com fios de ouro e pedra. Manto de cor púrpura com detalhes bordados em dourado. Na cintura, cinto em forma de laço com diamantes. A imagem assenta-se sobre um bloco de nuvens com detalhes em esgrafiado e apresenta cinco anjos que carregam instrumentos musicais. Sob o bloco, uma rosa com detalhes em esgrafiado que parece brotar de um monte verde e dourado que encontra-se decorado com vários elementos: pombas, carneiros, cachorros, patos, flores e à direita, a figura de um

menino vestindo camisa branca, paletó preto, calça vermelha e botas pretas. Todo este conjunto apresenta-se sobre uma base circular e dourada; a peanha com a superfície trabalhada em *escariote* e sobre ela, decoração em miniaturas de xícaras, ovelhas e carneiros. Circundam a imagem do Menino, ramos de flores estilizadas ornadas com asas de besouro, incrustadas de pedrinhas. Fazendo parte dessa composição, pequenos pássaros também são encontrados.

Simbologia

A iconografia do Menino Jesus nos conduz ao tema Natividade. As representações da cena do nascimento do Senhor foram pesquisadas e constatamos que muitos elementos utilizados na produção dessas imagens correspondem à mensagem cristã encontrada nos Evangelhos. Entretanto, muitos outros elementos foram acrescentados digamos, “a gosto popular”, ou seja, foram sendo incorporados com o passar do tempo de acordo com as características da região, como crenças, materiais disponíveis, dando a elas uma característica muito particular. Destacamos em seguida alguns dos símbolos encontrados:

Símbolos mais comuns nas cenas da Natividade:

Monte: O Monte é o lugar símbolo do encontro de céu e terra, da ascensão humana e da *teofania*.⁷ Todos os povos, assim como também muitas cidades têm seus montes sagrados. Na Bíblia, várias são as cenas narradas que acontecem em uma montanha. Elas não são apenas elevações de terra e rochas, mas são representadas como monte da aliança com Deus.(HEINZ-MOHR, 1994, p.25)

⁷ Teofania: Conceito de cunho teológico que significa a manifestação de Deus em alguma coisa. É uma revelação ou manifestação sensível da glória de Deus, ou através de um anjo, ou através de fenômenos impressionantes da natureza. Fonte: Wikipédia



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Museu de Arte Sacra
Fotografia: Edjane Silva

Gruta: Aparece em representações da Igreja Oriental do nascimento de Cristo que, como era normal na Palestina, servia de estábulo. A representação da gruta como fissura da terra faz lembrar de propósito um seio materno para concretizar em sua antiqüíssima simbologia, a fertilização da terra aí realizada.(HEINZ-MOHR, 1994, p.178) Representa também o batismo de Jesus.

Anjos: Em geral os anjos tem a função, nas cenas da natividade, de adorar e louvar a Deus, servindo de mensageiros e portadores da revelação divina. Algumas vezes portam instrumentos musicais para o louvor de Deus. (HEINZ-MOHR, 1994, p.22)



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Instituto Feminino da Bahia
Fotografia: Edjane Silva

Pastores: Na cena representativa do nascimento de Jesus, os pastores são os primeiros a receberem o anúncio da chegada do Salvador do Mundo. São as pessoas modestas e trabalhadoras que foram dignas de ouvirem o triunfante hino celestial: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra, e boa vontade entre os homens!”.(HEINZ-MOHR, 1994, p.22)

Pomba: Na arte cristã, símbolo do Espírito Santo. No momento da anunciação desce sobre Maria o Espírito Santo como uma pomba. É mais conhecida como mensageira da vontade divina. (HEINZ-MOHR, 1994, p.294-295)

O boi e o burro: Sempre presente nas cenas de presépio como testemunhas do nascimento de Cristo. Sua finalidade simbólica corresponde a uma interpretação patrística de duas profecias: a de Isaías 1,3 “conhece o boi o seu patrão e o burro o estábulo de seu dono” e a de Habacuc 3,2 “em meio a dois animais Te manifestarás”. O boi representa o povo de Israel, que levou o jugo da lei; e o burro, animal de carga, é o povo gentio cheio de pecados de idolatrias: destes dois povos nasceu a Igreja que reconhece o Senhor. (PASTRO, 1993, p. 227)

Carneiro: pode significar o próprio Cristo, que foi sacrificado Por Deus em lugar do homem pecador. Nas representações do Menino Jesus no Monte está mais ligado a figura do Pastor que conduz o seu rebanho de ovelhas.(HEINZ-MOHR, 1994, p. 79)



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Instituto Feminino
Fotografia: Adenor Gondim

Símbolos característicos da iconografia do Menino Jesus no Monte do Recolhimento dos Humildes



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Particular
Fotografia: Sergio Benuti

Flor: De acordo com a Bíblia, símbolo da beleza e graça terrenas, as flores em geral, são sinais do princípio passivo, da atitude de receber, correspondentes às formas de cálice, voltadas ao dom e a atividade do céu. Faz lembrar também, o estado de infância, e assim, de certa forma, o paraíso.(HEINZ-MOHR, 1994, p. 163)

Concha: Muito utilizada em túmulos como representação de que um dia o homem ressuscitará. Na arte cristã, surgem raramente. A imaginação de história natural que fazia a Idade Média, pensando que os caracóis eram fertilizados pela queda do orvalho, fez das conchas, símbolos da virgindade de Maria. Boticelli e Tiziano, seguindo este motivo, usaram posteriormente o símbolo da concha na representação do Nascimento de Vênus, pois partilha do significado simbólico da água que representa a fertilidade. (HEINZ-MOHR, 1994, p. 105)



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Instituto Feminino
Fotografia: Adenor Gondim

Cajado: Símbolo de força e de conhecimento de coisas invisíveis foi entendido e muito utilizado desde eras muito antigas. Nessa representação parece dar idéia de Jesus como o Bom Pastor que conduz suas ovelhas.(HEINZ-MOHR, 1994, p.52-53)



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Particular
Fotografia: Sérgio Benuti



Menino Jesus no Monte (Detalhe)
Coleção: Museu de Arte Sacra
Fotografia: Edjane Silva

Penca de Amuletos: Trazidos para o Brasil por escravos africanos, o uso de balangandãs servia para proteger contra os maus olhados. Segundo Luiz Ozanan, “Esses penduricalhos eram representações de fertilidade, sexualidade e de poder exercido pelas mulheres sobre o processo de formação da família e dos grupos sociais.” O autor comenta que a figa latina era usada para combater a esterilidade e mau-olhado e destaca que no século XIX, esses objetos foram muito utilizados, a partir do momento em que a “...Igreja Católica já havia providenciado a conversão desses amuletos em artigos religiosos. Bastava benzê-los, tornando-os assim dignos de serem usados pela população em geral.”(OZANAN, 2003, p.66)

Água: Na tradição judaica representa a origem da criação. No batismo a água opera a purificação dos pecados no ato simbólico de morrer e ressuscitar, conduzindo a novo nascimento.(HEINZ-MOHR, 1994,p.8-9)

Considerações Finais

A devoção ao Menino Jesus foi entrando em declínio no início do século XX, sobretudo, pelas circunstâncias da vida moderna, quando o papel da mulher “prendada” e dedicada apenas à criação dos filhos começa a mudar. Outro fator significativo foram as mudanças simbólicas representativas do Natal. Segundo o professor Cândido da Costa e Silva, especialista em religiosidade, “há uma relação direta entre o desaparecimento do Menino Jesus e o declínio do presépio”⁸. Com o tempo, a tradição de montagem do presépio, que destaca a Natividade como tema principal, foi sendo cada vez mais esquecida, especialmente com a chegada de representações simbólicas natalinas de outros países. Além disso, a sociedade cada vez mais consumista vem esquecendo a verdadeira mensagem presente na festa de Natal, sobrepondo o material ao divino.

⁸ Entrevista concedida a Silvia Noronha, em matéria publicada pelo Jornal Correio da Bahia “Menino de Deus / Tesouro dos Humildes”

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- PASTRO, C. *Arte Sacra – O Espaço Sagrado Hoje*, Loyola, SP, 1993
- GHARIB, George, *Os Ícones de Cristo – História e Culto*, Paulus, 2005
- TÁVORA, Bernardo F. de Tavares, *Meninos Jesus Cíngalo-Portugueses e seus prováveis protótipos flamengos*, Revista Universitas, nº 25 Salvador, 1979
- MOTT, Luiz, *Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a Capela e o Calundu*, In: História da Vida Privada no Brasil – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa 1, Companhia das Letras, SP, 1997
- AZZI, Riolando, *Elementos para a História do Catolicismo Popular* Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, fasc. 141, RJ 03/1976
- MOTT, Luiz, *Intimidades com o Santo de Casa*, In: História da Vida Privada no Brasil – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa 1, Companhia das Letras, SP, 1997
- ANDRADE, Maria José S., *Os Recolhimentos Baianos*, In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº 90, 1992
- Estatuto Estatutos do Recolhimento de N.S. dos Humildes da cidade de Santo Amaro*, 1910
- PAIM, Zilda, *História de Santo Amaro*, s/ data.
- PINTO, Francisco de Carvalho, *Meu Vale é Assim...* Imprensa Oficial da Bahia, 1970 p.14
- OZANAN, Luiz, *As jóias dos negros: usuários e artífices nas Minas Gerais do século XVIII*. Revista da FADOM, Divinópolis, n.13, 2003
- PRIORE, Mary Del, *Condição Recolhimentos e Conventos: silêncio e oração* In: Condição Feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial, Edunb, RJ, 1993
- HEINZ-MOHR, Gerd, *Dicionário dos Símbolos – Imagens e sinais da arte cristã*, Paulus, SP, 1994
- MUHANA, Adma Brasil: *Índia Ocidental* In: Revista USP, SP, nº 57, 2003
- Catálogo do Museu de Arte Sacra, Banco Safra, 1987
- BRAGA, Sidney Simões, *O Salvador Menino – Expressões artísticas de uma tradição* Fund. Gregório de Mattos, Salvador, 2000
- CARVALHO, Vânia Bezerra, *Deus Menino do Monte, uma devoção requintada e feminina*, In: Revista do Curso de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes/UFBA Vol. 1 nº 03 janeiro/julho 2001 p. 181/190